



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A musica na educação — Curiosidades musicaes. — Concertos. — Ao Sr. F. Guimarães.  
— Noticiario. — Necrologia.

Melchiade Ferlisi

## A musica na educação

(Continuado do n.º 296)

### III

Mostra-nos a historia que todos os grandes homens, imperadores ou pontifices, principes, philosophos ou legisladores, pedagogistas ou homens de Estado, em cada tempo, em qualquer lugar, tem tido sempre um culto especial pela musica, e a julgaram meio potente de educação.

David attribue-lhe tal poder que se vale d'ella para mitigar as angustias de Saul, ou para acalmar lhe o furor; e é depois do canto d'elle, acompanhado dos doces sons da harpa, que este exclama :

..... O' bello  
Socego d'alma ! Em minhas veias sinto  
Delicioso balsamo correndo.

Ezechias imita em tudo David e convida levitas para que cantem, e com os seus cantos *mantenham firme a fé do Senhor.*

Socrates julga-a intimamente ligada ao caracter nacional, e cha-na a philosophia o *ponto culminante da musica.*

Platão chama-a *reminiscencia de celestial beatitude, arte que passa até á alma, e lhe inspira o gosto pela virtude.*

Aristoteles recommenda a musica sobre todas as artes por a sua grande efficacia moral.

Polibio attribue a rudeza dos Canaítas a *não terem a affeição necessaria á musica.*

Paulo Emilio para fazer educar os filhos

tem artistas de todos os generos, e especialmente musicos.

Sylla gosta tanto de musica que se orgulha de ser um grande cantor. Cesar confessa elle mesmo que a ama.

S. Marcos ensina o canto aos primeiros christãos do Egypto, porque o crê bom para formar fieis. S. Paulo esforça-se por elevar a musica á primitiva simplicidade, e para introduzil-a na religião, exhorta os fieis a cantar. O Papa Silvestre tem-a como um meio potente de educação religiosa, e funda no principio do seculo IV uma escola de de canto em Roma.

Santo Ambrosio e Gregorio Magno chamam-lhe potencia, que com admiravel pureza e simplicidade serve para dar efficacia ás palavras santas e elevar o pensamento do homem á divindade, e trazem á arte grandissimas reformas.

Elfego, bispo de Wincester, tem a musica como poderosa auxiliar da religião; pensa que um magestoso instrumento, que acompanhe os cantos liturgicos, devia dominar qualquer outro meio de educação religiosa, e dá á Igreja, em 1001, a arma mais poderosa, o verdadeiro e maior instrumento christão, o orgão. O divino poeta manifesta a sua opinião sobre a influencia da musica n'aquelles versos do *Purgatorio*, dirigindo-se a Casella :

..... Se nova lei prohibir não veio  
Memoria e uso ao amoroso canto,  
Que a meus desejos satisfaz o aneio,  
Possas com elle ainda encher d'encanto  
Minh'alma anciosa.....

Victorino de Feltri, o maior educador, cultiva a musica de modo a ficar *versadissimo*, e a emprega para *ennobrecer o animo*

dos alumnos. Leonardo de Vinci estuda-a com paixão, e é convidado pela Córte milanesa para tocar.

Luthero, o grande reformador, declara não gostar d'aquelles que não amam a musica, *arte celeste que dissipa as inquietações e as penas do coração*, e deseja que cada mestre escola saiba musica.

Henrique VIII e Thiago de Escocia cultivam-a com paixão, estudaram-a assiduamente, e compuzeram algumas obras.

Carlos V queria ouvir musica em qualquer lugar que se encontrasse e janta ao som d'orchestra.

Gesualdo, principe de Venosa, a cultiva de modo a dar-nos o verdadeiro desenvolvimento da melodia.

Benvenuto Cellini jacta-se da sua habilitade em tocar, como tambem se jacta de trabalhar com o buril.

S. Philippe Nery attribue á musica tal poder que, para attrahir os jovens e desviar-os dos prazeres mundanos, faz cantar na sua capella hymnos, psalmos, preces e nos dá a mais nobre fórma da arte musical, a *Oratoria*.

O Papa Marcello tem uma grande affeição a Palestrina, só porque sabe dar á Igreja *a musica sacra por excellencia, o interprete da palavra de Deus* e é por gratidão d'esta affeição que nasce a famosa *Missa Papæ Marcelli*.

S. Carlos Borromeu empenha-se com todas as forças para que na Igreja resoem as doces melodias do Festa e do Palestrina.

Pilippe V queria ouvir musica todo o dia e ordena que Farinelli cante todas as noites na sua presença.

O rei Jorge estima-a como meio de educação e em 1719 institue em Londres uma opera italiana, como Leopoldo I em Viennaahi por 1700.

Carlos VI que é um entusiasta, compõe uma opera que foi cantada pelos principaes fidalgos da sua Córte e elle mesmo toca na orchestra.

Frederico o Grande da Prussia nutre uma enorme paixão pela musica e especialmente pela flauta, instrumento que acompanha o monarcha nas festas e nos banquetes, e nos campos e nas guerras, e mantem elle proprio um theatro com musica. para que o povo ache ahi um meio de educação civil e recreação honesta.

Naegeli, discipulo de Pestalozzi, cria o canto popular nas escolas allemãs.

Graefe acha o canto materia necessaria a uma escola primaria para educar nas crianças delicados e nobres sentimentos.

Napoleão I, o homem fatal, (como dizia

Manzoni) que se sentou arbitro em meio de

..... dois seculos  
Um contra o outro armado

possue altissimo gosto e sentimento por as bellezas da musica, funda capellas, abre escolas e theatros, inventa estratagemas para attrahir os mais celebres musicos a França, protege-os e enche-os de beneficios.

(Continúa).

A. S.

## Curiosidades musicas

(Continuado do n.º 296)

XCIV

Um grupo de violeiros em Lisboa no seculo XVII.

— Luis de Lemos, Bartholomeu de Lemos, Gaspar de Almeida, Domingos Fernandes, João Coelho, Luiz Ribeiro, Thomé Fernandes, Domingos da Costa, (de Lemos) e Jeronymo Gomes.

O archivo do Santo Officio, depositado hoje na Torre do Tombo, é mina inexaurivel e, quando bem explorado, daria o quadro mais surpreendente da vida intima da sociedade portugueza durante os seculos em que o Tribunal da Inquisição exerceu o seu fatal predominio. Já nos processos dos que fôram directamente suas victimas, já nos processos de habilitações para familiares e nos depoimentos das testemunhas de uns e outros, se encontram abundantissimos subsidios para a biographia de individuos de todas as castas e posições sociaes.

Antonio Serrão de Castro, poeta tão infeliz como Antonio José da Silva, e seu filho Pedro Serrão, soffreram os martyrios fisicos e moraes d'aquella tremenda instituição e nos respectivos processos se colhem noticias interessantissimas, que contentam o espirito do investigador, ao mesmo tempo que lhe despedaçam o coração, por ser tão amarga e dolorosa a fonte, em que aurio os seus curiosos apontamentos.

No processo de Antonio Serrão fôram dadas como testemunhas nada menos de tres violeiros, sendo dois delles, Bartholomeu de Lemos e Domingos da Costa, familiares do Santo Officio. O terceiro, Luis de Lemos, fez o seguinte depoimento, donde se colhem alguns dados biographicos, como o leitor poderá ver :

E sendo no mesmo dia (5 de novembro de 1674) e audiência atras declarada mandou o ditto senhor Deputado (Fr. Valerio de S. Raimundo) vir perante sy a Luis de Lemos, violeiro, natural desta cidade de Lisboa, e nella morador, na rua dos Escudeiros e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que poz a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que elle prometeo cumprir, e disse ser Christão Velho e de trinta annos de idade. Perguntado pelas geraes? Disse nada. Perguntado se conhece algumas pessoas prezas pelo Santo Officio, que pessoas são, porque via e de que tempo a esta parte? Disse que algumas conhecia e entre ellas nomeou o Reo Antonio Serrão, ao qual diz conhecer depois que elle testemunha se entende a esta parte por ser seu vizinho, e o ver e lhe fallar muitas vezes. Perguntado se sabe ou ouviu, que entre o dito Antonio Serrão e algumas outras pessoas da nação dos Christãos novos houvesse duvidas, brigas ou differenças de que resultassem odios, ou inimizades com quem, porque causa, e a que chegarão, e se depois tornarão a correr em amizade? Disse que não sabe, nem ouviu que entre o ditto Antonio Serrão e algumas outras pessoas da nação dos Christãos novos houvesse duvidas, brigas, nem differenças de que resultassem odios, ou inimizades e do costume disse nada e assinou com o ditto senhor Deputado, sendo-lhe primeiro lido este seu testemunho, que disse estava na verdade. Philippe Barbosa o escrevi. — *Frei Valerio de São Raimundo. — Luis de Lemos.*<sup>1</sup>

Das duas habilitações para familiares acima citadas tiram-se curiosas informações não só a respeito dos individuos a que ellas pertencem, como tambem ácerca de outros chamados a depôr nos processos. Principiarei a desdobrar a meada por :

*Barthomeu de Lemos.* — Era natural de Lisboa, nascido e morador na rua dos Escudeiros, freguezia de S. Nicolau. Era filho de Gaspar de Almeida, violeiro, morador na mesma rua, e de Maria de Lemos, ambos naturaes de Lisboa. Sua mulher chamava-se Vicencia Luis e era natural de Loures.

Entre as testemunhas depuzeram quatro violeiros: Domingos Fernandes, de mais de setenta annos; João Coelho de sessenta e cinco annos; Luis Ribeiro de cincoenta e um annos, todos tres moradores na rua dos Escudeiros, e Thomé Fernandes, de sessenta e quatro annos, morador ao postigo da rua

Nova da Palma. A inquirição das testemunhas é de 3 de outubro a 14 de novembro de 1640.

*Domingos da Costa.* — Era natural do logar de Alfornel, freguezia de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica, e filho de Antonio Luis e Isabel Jorge, lavradores, naturaes e residentes no referido logar e freguezia. Sua mulher chamava-se Maria de Lemos, filha do já citado Bartholomeu de Lemos, e moravam na freguezia de S. Nicolau de Lisboa. Foi-lhe passada carta de familiar a 23 de novembro de 1643.

O apelido Lemos aparece com frequencia nestes documentos e talvez todos os individuos que o usavam fizessem parte da mesma familia.

Devo recordar que em 10 de maio de 1678 foi nomeado violeiro da casa real Mathias de Lemos, filho de Domingos da Costa Lemos, atrás mencionado. Delle tratei no capitulo XXI destas *Curiosidades*.

No processo de Pedro Serrão foi dado como testemunha, Jeronymo Gomes, violeiro, natural de Coimbra e morador em Lisboa na rua dos Escudeiros, a qual parecia ser a rua dos fabricantes de violas.

Eis o seu depoimento :

«Aos vinte e quatro dias do mez de Março de mil seiscentos settenta e sette annos em Lisboa, nos Estaos, e caza primeira das audiencias da Sancta Inquisição estando ahi na de manhã o senhor Inquisidor Estevão de Britto Foios, mandou vir perante sy a Jeronimo Gomez, violeiro, natural da Cidade de Coimbra, e morador nesta ditta de Lisboa na rua dos Escudeiros e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos evangelhos em que pos a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que elle prometteo cumprir e disse ser Christão velho e de trinta annos de idade. Perguntado pelas geraes? Disse nada. Perguntado se conhece algumas pessoas prezas no Santo Officio, quem são, quanto tempo ha e porque vio e rezão? Disse que algumas conhecia, entre os quaes nomeou ao Reo Pedro Serrão, o qual diz conhece de oito ou nove annos a esta parte por ser seu visinho e o ver e communicar. Perguntado em que conta tem elle testemunha ao ditto Pedro Serrão no particular da sua Christandade, religião, vida e costumes? Disse que supposto ouviu sempre dizer que o ditto Pedro Serrão era Christão novo, elle testemunha o tinha por bom Christão porque o via assistir nos exercicios da Congregação do Padre Quental e estar em oração e por mais não dizer, lhe foi lido o 3.º ar-

<sup>1</sup> Processo de Antonio Serrão de Castro : Inquisição de Lisboa, n.º 4910.

tigo da defeza do Reo, a que foi nomeado testemunha, que sendo por elle ouvido e entendido.

Ao 3.º Disse que da materia do artigo não sabe nada e al não disse, e do costume disse nada, e assignou com o ditto senhor Inquisidor, sendo lhe primeiro lido este seu testemunho. Filippe Barboza — Estevão de Britos Foios — Jeronimo Gomes». <sup>1</sup>

SOUSA VITERBO.



A 14, teve logar a costumada audição de alumnas do notavel leccionista Timotheo da Silveira, e á qual infelizmente não pudemos assistir, por motivo de força maior.

Folgamos comtudo de vêr que no profuso programma d'esta festa escolar, que não terá sido de certo inferior ás que o illustre professor costuma organizar, se fez uma larga parte á musica portugueza, havendo composições de Rey Colaço, Vianna da Motta, Oscar da Silva, Juvenalia Bravo, J. Neuparth, Francisco Bahia, Brinita, Rodrigo da Fonseca e do proprio promotor.

\*

O quarto concerto da *Academia de Amadores* n'esta época teve logar em 20 d'este mez.

A orchestra, sob a regencia de Pedro Blanch, demonstra-nos cada dia mais quanto se póde conseguir de um grupo de amadores voluntariosos e instruidos, quando sejam orientados por um artista conhecedor do seu mister e desejoso, como o illustre violinista hespanhol, de fazer progredir a sua phalange orchestral. A *Folha d'Album* de Wagner foi excellentemente desempenhada, fazendo lembrar pelo bom acabamento de todas as phrases, pelo fundido e pela côr, a execução de uma orchestra de bons profissionais. Merecem louvôr, a seguir a essa peça, a abertura do *Freyschutz* e a sardana do *Garin*, devendo ficar na sombra, a bem da justiça e da imparcialidade critica, os dois numeros de Bach, pelos motivos que já

aqui se expuzeram, e a *Rapsodia* de Liszt, por terem sido falseados os movimentos e ser a obra superior ás forças da orchestra.

Como solistas, pudemos apreciar n'este concerto as sr.ªs D. Marianna Souto Pimentel, esperançosa violinista que ainda não tinhamos tido a fortuna de ouvir a solo, D. Adelaide Victoria Pereira, soprano dramatico de excellente voz e bella escola, D. Isaura Cordeiro Venancio, pianista de perfeição technica absolutamente fóra do vulgar.

Acompanharam ao piano a sr.ª D. Judith Leiria e o maestro Lorient.

\*

No Salão Bechstein (Porto) deve ter-se realisado em 22 um bem organizado concerto de caridade, abrilhantado por alguns discipulos de D. Armanda Dubini Ferreira, Carlos Dubini e outros distinctos professores portuenses.

\*

Em casa do distincto e considerado professor Francisco Bahia, effectuaram-se, em 21 e 28, duas interessantes *matinéés* de discipulas.

Tiveram occasião de fazer-se apreciar as seguintes talentosas alumnas, D. Alice David, D. Marina Bittencourt, D. Eleonore Dargent, D. Maria Conceição T. de Castro, D. Fernanda V. de Sá, D. Olinda Baptista Ribeiro, D. Alice Sodré Castro, D. Fernanda de Freitas (Villa Gião), D. Isaura Ribeiro da Costa, e D. Ermelinda Ribeiro.

Esmaltaram os programmas alguns numeros de canto e de violino, em que muito se fizeram applaudir a sr.ª D. Helena Shirley, sr. José Carneiro e sr.ª D. Ermelinda Baptista Ribeiro.



## Ao sr. F. Guimarães

Em um artigo que o *Fecho Musical* publica em 21 do corrente, responde-me o sr. Guimarães, buscando explicar o motivo por que se permittiu avançar ser menos verdadeira uma das afirmações por mim feitas na carta que eu anteriormente havia publicado no *Seculo e Diario de Noticias*.

Começa o sr. Guimarães por attribuir a um ataque de *febre furiosa* o eu querer ser esclarecido sobre o motivo porque me assacou publicamente uma falta de verdade. O dito, alem de muito espirituoso, porque tem realmente carradas de graça, vem mos-

<sup>1</sup> Processo de Pedro Serrão, n.º 9797, da Inquisição de Lisboa, fl. 20.

trar-me quão diferentes são os nossos pontos de vista. Ao que parece, o sr. Guimarães, quando lhe disserem que mente, fica todo contente e risonho, enverga a sobrecasaca dos dias solenes e vai deixar um cartão de agradecimento a casa do amigo que teve tão feliz lembrança. Eu, como S. Ex.<sup>a</sup> viu, não entendo a cousa assim.

Mas vamos ao caso. Certo é que a razão do sr. Guimarães se não acha completamente obcecada, como S. Ex.<sup>a</sup> quasi receia; ha comtudo n'ella um mysterioso desequilíbrio, que talvez careça de mais urgente therapeutica que a minha modesta febre. E se não fosse esse desequilíbrio, de que sinceramente me condôo, não diria o sr. Guimarães que a minha carta não é a expressão da verdade, para afirmar logo a seguir que eu sou verdadeiro e na linha immediata que sou victima d'um equívoco. Já vê que é forçoso admittir o desequilíbrio, a não suppôr que S. Ex.<sup>a</sup> mettesse os pés pelas mãos, unicamente para divertimento da galeria.

Vamos então a desfiar o tal equívoco, ou mentira, como S. Ex.<sup>a</sup> queira.

Repito ainda o texto incriminado: — «Quando um grupo d'artistas, como Vianna da Motta, Frederico Guimarães, Ernesto Vieira, e todos os outros que julgaram a obra em 1909 lhe constatarem o valor preciso para lhe conferirem o premio do concurso, que então se abriu entre compositores portuguezes, eu não posso reconhecer no sr. Coelho a precisa auctoridade para, contradictando o que tão eminentes vultos affirmaram, lhes passar diploma da mais grosseira incapacidade profissional».

E para maior esclarecimento, cito tambem o nome dos outros membros do jury, que se omittiu na carta, para a não tornar demasiado extensa. Foram os srs. Adriano Mereia, Alberto Sarti, Antonio Arroyo, Antonio Taborda, Augusto Machado, Filippe Duarte, Francisco Benetó, F. Freitas Gazul, dr. João D'Korth, Georges Wendling, Manuel Tavares, Marquez de Borba, Pedro Blanch e Timotheo da Silveira.

Como se vê, não tive a honra de figurar n'esse jury e não podia nunca assumir o direito de averiguar o que nas suas reuniões se passava. Sobre as discordancias de opinião que nas mesmas reuniões se manifestaram, nenhum dos membros do jury se me pronunciou e o unico que o poderia ter feito, por ligar, ao que parece, tão pouca importancia á discreção que em taes casos se impunha — o proprio sr. Guimarães — nunca me disse uma palavra a tal respeito.

Como archivista da *Sociedade de Musica de Camara*, tenho em meu poder todos os documentos que ao Concurso se referem;

não ha n'elles o mais leve vestigio de dissidencia por parte dos srs. Vieira, Guimarães, Filippe Duarte e Tavares, ou de quaesquer outros membros do jury. O documento do sr. Vieira tem o character de um estudo prévio, feito sobre a banca, e destinado principalmente a eliminar do concurso as obras, que não respondam aos fins por elle visados. E' o unico documento que encontro, representando uma opinião individual sobre o merecimento das obras, e quando se refere á sonata de Freitas Branco, que n'esse documento é classificada de «sufficiente», diz o sr. Vieira, duvidando talvez do seu proprio juizo, que o valor real da partitura melhor poderá ser julgado pela audição. Quanto á discordancia do parecer do sr. Guimarães foi-me notificada pelo *Echo Musical* em 27 d'abril d'este anno (sete dias depois da publicação da minha carta) e dos srs. Filippe Duarte e Tavares fala-se agora pela primeira vez.

A questão d'unanimidade ou de maioria não tem de resto para o caso a menor importancia. O certo, indiscutivel e verdadeiro é que a sonata foi approvada para premio e que as pessoas que a approvaram foram os membros do jury que a *Sociedade de Musica de Camara* nomeou. Isso foi o que declarei na minha carta e confirmo hoje.

Que pôde importar que algum ou alguns d'esses membros discordassem da opinião da maioria? Não os scandalisou de certo essa opinião, a ponto de protestarem contra ella publicamente, como poderiam e deveriam ter feito; e o proprio sr. Guimarães, verboso por natureza, supportou sem pestanejar um longo silencio de dois annos, que prolongaria talvez indefinidamente se o não vem arrancar d'essa doce quietação uma triste campanha, em que o espirito irrequieto e a impenitente loquacidade de S. Ex.<sup>a</sup> se não podiam deixar de comprazer.

Faço-lhe comtudo a justiça de suppôr que estará, a esta hora, profundamente arrependido do infelicissimo papel que n'essa campanha tem representado.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.



Publicou o illustre professor Moreira de Sá uma *Théorie mathématique de la Musi-*

que, destinada ao 4.º congresso da *Société Internationale de Musique*, que se está actualmente effectuando em Londres.

Este trabalho, cujo alto valor scientifico se não pôde coutestar, é o desenvolvimento de um estudo publicado pelo mesmo auctor em 1893, no segundo supplemento aos *Annaes do Orpheon Portuense*.

Muito agradecemos o exemplar que nos foi amavelmente enviado.

\*

Para elaborar um projecto de reforma do Conservatorio foi nomeado o professor Ernesto Vieira.

Temos confiança que o illustre artista, que já sobre o assumpto publicou n'esta revista uma série de bellos artigos, saberá corresponder dignamente á missão de que foi encarregado, e fazemos votos para que, graças a essa reforma, venha a corresponder o nosso primeiro estabelecimento d'ensino musical aos elevados fins para que foi creado.

\*

Em um artigo ha pouco publicado no *Echo Musical* sobre Cesar Franck e firmado pelo sr. J Neuparth, insiste-se sobre o diminuto cultivo que se tem votado em Portugal á obra do grande mestre belga.

Em apoio d'esse facto, cita apenas o illustre articulista a execução da *Sonata* pelos pianistas Vianna da Motta, Wurmser e Pugno e violinistas Moreira de Sá, Thibaud e Ysaye.

Certamente por esquecimento não se allude no artigo ao *Quinteto*, que a partir de 1904 tem sido varias vezes tocado pela *Sociedade de Musica de Camara*, sendo tambem pela mesma sociedade executada a *Sonata* bastantes vezes n'estes ultimos nove annos.

A *Grande Orchestra Portugueza* tambem deu a conhecer em 1907 o magnifico fragmento symphonico da *Redemption*, que foi ouvido e applaudido por numeroso publico.

Como se trata de duas instituições que alguma coisa fizeram, cremos nós, em favor da propaganda de grandes obras musicas, é de boa justiça não as olvidarmos.

\*

A *Empreza Folklorista* (Porto), publicou o n.º 9 da sua interessante collecção de cantos populares. Contem duas canções, *O vira* e *Constancia*.

\*

O trio Pitchot-Costa está escripturado para dar dois concertos no *Orpheon Portuense*, no principio da proxima época. Temos as melhores informações sobre este grupo de artistas hespanhoes, cujo merecimento tem sido ultimamente muito apreciado no estrangeiro.

\*

O professor Rey Colaço pediu a sua demissão do logar que occupava no conselho musical do Conservatorio, não estando ainda assente quem o vae substituir.

\*

Sob o titulo de *Tournée Trindade*, reuniram-se varios artistas e amadores com o fim de fazer ouvir em algumas cidades da provincia a opera *Andaluza* do sr. D. Luiz Quesada, e um artistico repertorio de obras de concerto, para canto, piano, violoncello e harpa, cujo detalhe temos presente, mas por demasiado extenso não podemos publicar.

São os seguintes os artistas e amadores que emprehenderam a *tournee*:— Arthur Trindade, director artistico e 1.º barytono, D. Luiz Quesada, maestro-director d'orchestra e concertista de piano, M.<sup>me</sup> Margherita Mornati Trindade, soprano lyrico, M.<sup>elle</sup> Sarah Alves, soprano ligeiro, Salles Ribeiro, tenor, Valerio de Rajanto e Horta Machado, barytonos, Antonio Silvestre, baixo, M.<sup>elle</sup> Albertina Silva, concertista de harpa, Manuel Silva, concertista de violoncello e Antonio Silva, primeiro violino, sendo a orchestra de 30 professores e o corpo coral de 20 cantores.

A primeira audição deve ter logar na data d'hoje no theatro Sá da Bandeira, do Porto, onde serão dados tres espectaculos-concertos, partindó em seguida o grupo para Braga e outras cidades.

Na pagina fronteira damos o retrato dos principaes amadores e artistas, que compõem a *troupe*.

\*

Conforme tinhamos annunciado e tratado em artigo especial, realisou-se no theatro da Trindade a festa do distincto artista e professor Bensaude, que, coadjuvado por sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Julia Bensaude, nos fez ouvir a opera *La serva padrona*, obra prima de Pergolesi e uma das mais notaveis no genero. A musica é na verdade scintillante, inspirada, embora em moldes que já conhe-



ceмос, por terem sido posteriormente aproveitados. Não ha duvida que agradou, e que o desempenho foi primoroso, revelando por parte dos distinctos artistas um estudo aturado da musica e dos caracteres dos personagens; o publico assim o entendeu aplaudindo bastante. Muito bem o actor Gomes, no papel mudo.

Concorreram tambem n'esta festa Francisco Benetó, o eximio violinista tão vantajosamente conhecido entre nós, e Luiz Figueras, violoncelista brasileiro de passagem em Lisboa, e a que já nos referimos quando nos visitou ha dois annos.

Terminou o concerto pelo dueto do 3.º acto do *Rigoletto*, cantado por Bensaude e esposa.

\*

Já foi publicado pelo *Diario do Governo* o decreto reformando a escola de Arte Dramatica no Conservatorio.

O curso é dividido em tres annos, havendo as seguintes oito cadeiras: 1.ª, lingua e litteratura portuguezas; 2.ª, arte de dizer; 3.ª, philosophia geral das artes; 4.ª, arte de interpretar; 5.ª, esthetica e plastica theatral; 6.ª, historia das litteraturas dramaticas; 7.ª, arte de representar; 8.ª, organização e administração theatral. O ensino da 7.ª cadeira é ministrado em regra no Theatro Nacional.

As aulas accessorias de dança e gymnastica theatral são obrigatorias para todos os alumnos.

O corpo dirigente e docente será composto de um director, um conselho escolar, e onze professores, sendo nove ordinarios e dois contractados para as aulas accessorias.

Apezar de funcionar no edificio do Conservatorio, a nova Escola de Arte Dramatica fica autonoma na sua administração, e independente da direcção musical do mesmo estabelecimento.



E' com magua profunda que noticiamos o fallecimento do eminente publicista e professor, Francisco da Fonseca Benevides, apaixonado cultor da musica e auctor do magnifico estudo historico sobre o «Theatro de S. Carlos», cujos dois volumes se encontram na estante de todo o investigador

de assumptos artisticos e constituem o que de mais completo e bem documentado se publicou sobre o nosso theatro lyrico.

Nasceu o illustre homem de sciencia em Lisboa, no anno de 1835. Tinha 16 annos quando entrou, como aspirante, no serviço de marinha, completando em 1853 o curso da Escola Naval e dando baixa de serviço tres annos depois.

Em 1854 foi nomeado lente de physica no Instituto Industrial e ahi teve quem escreve estas linhas a fortuna de ser seu discipulo e aquilatar não sómente o seu alto valor scientifico, mas tambem e sobretudo os requintes de bondade do seu bello caracter.

Foi tambem lente de mecanica e artilharia na Escola Naval e por fim lente jubilado de hydrographia na mesma escola.

No campo artistico, distinguu-se Francisco Benevides como amator de violino e sobretudo como historiographo. Na sua bagagem litteraria, que é muito vasta e d'um eclectismo raro, figura além da importante obra que já citamos, uma memoria sobre a musica, inserta no *Archivo Pittoresco* em 1866.

Tinha o illustre extinto a graduação de capitão-tenente da armada e era commendador de Christo e de S. Thiago, cavalleiro de SS. Mauricio e Lazaro, socio correspondente da nossa Academia das Sciencias e da Academia Real de Historia de Madrid.

\*

Poz termo á existencia a distincta professora de piano e bandolim, sr.ª D. Judith Fernandes.

Deu-se o triste acontecimento em 29 de abril passado.

\*

Ao nosso querido amigo Antonio Lamas, damos as mais sentidas condolencias pela perda de seu extremoso filho, Luiz da Cunha Lamas.

O finado, que fizera 20 annos havia pouco, cultivava o piano com incontestavel talento, apezar de inhibido, pelo seu precario estado de saude, de consagrar largas horas ao estudo.

Avaliamos bem a dôr da illustre familia Lamas, a cujo luto nos associamos de todo o coração.

\*

Chega-nos á ultima hora a noticia do fallecimento do celebre director d'orchestra, Gustave Mahler.

No proximo numero daremos algumas notas biographicas do notavel artista.